

ÁLBUM DE FAMÍLIA

O passado que sobrevive na recordação fotográfica de quatro mulheres pioneiras que viram a cidade crescer e se consolidar

Coeli Mendes e Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

O pó vermelho e o barulho das máquinas construtoras não conseguiram abafar os odores e os ruídos da memória dos pioneiros que enterraram o cordão umbilical em terras longínquas e

encaram o desafio de crescer junto com Brasília.

De certa forma, folhear um álbum de recordação e de fotografias dessas pessoas é como viajar por todo o País.

Às vezes, essas reminiscências provocam lágrimas, mas a memória prefere arquivar os momentos felizes,

espantando a melancolia. A poeira invisível que impregna cada página desbotada dos álbuns lembra que recordar sempre vale a pena.

É gente que se foi, que se perdeu no tempo, e que, anos depois, ressurge com seus traços definidos no álbum de fotografia, assumindo a condição de testemunha silenciosa do tempo passado.

DESAFIO ACEITO

Quatro brasilienses por adoção aceitaram o desafio de empreender essa *viagem* no tempo junto com o *Correio Braziliense*. Isso significou

expor suas mais íntimas e caras emoções.

Essas pessoas tiraram suas melhores recordações do armário, sacudiram a poeira e relataram, página por página, o melhor e o pior de suas vidas antes de elegerem a cidade nova como moradia.

“Na tarde fria e calma, ouço ainda o realejo a tocar, e ficou a saudade comigo a morar”, escreveu o compositor Custódio Mesquita na música *Realejo*, que sintetiza com rara beleza a saudade do passado.

Nessa viagem, são as saudades de quatro mulheres que contam o

passado. Coincidência apenas, nada contra as reminiscências masculinas.

Arlene, Manoelina, Mônica e Theresamaria convidam o leitor para esse mergulho, que é um pouco de cada um de nós.

Todas elas chegaram a Brasília a partir de 1960 e acompanharam o processo de construção, crescimento e consolidação da cidade sonhada por Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Hoje, essas quatro mulheres se sentem, com justo orgulho, parte da história da capital da República.

MUDANÇA PARA A CIDADE PLASMADA

Nem consultando os búzios e o baralho, a mãe-de-santo Manoelina Leite Simões, a *Manô*, consegue enxergar o passado tão nitidamente quanto ao folhear o velho álbum de recordações e reler antigas cartas.

Manô nasceu em 11 de julho de 1934 em Diamante, perto de Ubá (MG).

Eram tempos difíceis. A menina e os sete irmãos iam a pé para a escola Teixeira Ervilha. Só calçavam as alpargatas depois de lavar os pés num córrego, antes das aulas.

Esse marasmo da roça mineira ela viveu até os 15 anos. A menina que tinha conseguido estudar saiu de Diamante para ser professora em Ubá, terra do compositor rubro-negro Ary Barroso.

CHIQUITA BACANA

Era 1949, ano em que a rádio tocava o sucesso *Chiquita Bacana*, de João de Barro e Alberto Ribeiro, embora a vida de *Manô* de bacana não tivesse quase nada. Era uma dureza só. Aos 21 anos, casou com Ison Simão.

Em 1957, uma vidente profetizou que ela iria morar numa cidade



Zuleika de Souza

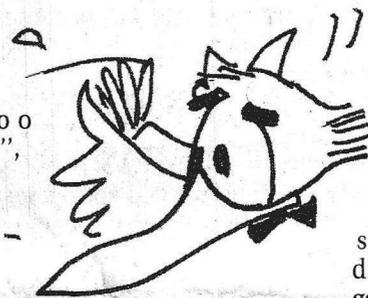


Manô viveu em Brasília as grandes emoções de sua vida

tes com seus rostos jovens em velhas fotos amareladas.

Ela guarda com um misto de nostalgia e orgulho uma foto especial em que aparece ao lado do então presidente Juscelino Kubitschek, batida lá pelos idos de 1957.

“Tenho o passado na cabeça, mas vivo o presente”, divaga, escondendo a emoção.



de grande e depois em outra “plasmada há pouco tempo”. Não deu outra. Viveu dois anos no Rio de Janeiro até se mudar para Brasília, em 1961, com o marido e quatro filhos.

Em outubro, quando chegou na nova capital, o País estava em convulsão por causa da renúncia do presidente Jânio Quadros.

Manô ficou alheia a isso. Só queria saber, como de resto todo o País,

quem havia assassinado a milionária tcheca Dana de Teffé.

PERDA DO MARIDO

Em 1964, quando a ditadura militar tomou conta do Brasil, a jovem viveu um golpe maior: a morte do marido, de apenas 26 anos, por afogamento. Sem parentes e sem amigos, sua solidão começou a ser ocupada por vultos e vozes.

Só assumiria sua intensa espiri-

tualidade em 1972, graças à cidade eleita. “Brasília é a segunda Arca de Noé que receberá os escolhidos”, profetizava.

Desde então, milhares de brasilienses expuseram suas vidas às cartas e tarôs da chefe espiritual, que mora no Guará II há mais de 20 anos.

Do passado só restou a amiga de infância Maria Soares, morando em Ubá até hoje, e poucas amigas espalhadas por outras cidades, presen-

ÍNDIOS, PRAIAS E FOTOGRAFIAS

Aos 70. Liberdade, aventura, descoberta. Essas emoções não passaram despercebidas para Arlene Maria Gonçalves de Rezende.

Ditadura militar. Caetano Veloso e Gilberto Gil exilados. Brasil tricampeão mundial de futebol. Migração econômica. A economia vai bem mas o povo vai mal, dizia o general-presidente Emílio Médici.

Mineira de Coromandel, Arlene queria conhecer um outro mundo.

Foi em busca de novas emoções. Pediu demissão do emprego de secretária e viajou.

Levou a máquina fotográfica. Arlene queria conhecer os índios. Foi para o Amazonas. Durante seis meses, em 1976, ela, então com 23 anos, realizou o sonho.

Conheceu pessoas, a cultura indígena e fez artesanato para sobreviver. Tirou muitas fotos.

“Quando revejo essas fotos, é como se voltasse ao passado”.

MESMAS EMOÇÕES

Do Amazonas, foi para Salvador e Rio de Janeiro. Da barraca de artesanato na praia ao emprego numa empresa aérea, fez de tudo um pouco.

Dez anos depois de viver seus sonhos, Arlene resolveu voltar para Brasília. De 1964 a 1967, junto com os pais, ela tentara morar em Taguatinga, mas não se adaptou.

“A primeira vez que estive em Brasília fiquei deprimida. Entramos pelo Núcleo Bandeirante e eu nunca tinha visto uma casa de madeira”, lembra.

Hoje, sem as tranças e as calças pantalonas da época, só restaram as recordações no antigo álbum.

Aos 43 anos, Arlene mora no Guará I. Usa cabelos curtos, calça e blusa de linho.

Funcionária da secretaria de Transportes, dá muitas risadas quando lembra, olhando as fotos, da vida *alternativa* que levava.

“Morro de saudades daquele tempo”, diz. “É interessante rever porque o tempo modifica tudo, mas, pelas fotos, a gente sente as mesmas emoções.”



Theresamaria, em foto junto com colegas de colégio no Rio de Janeiro, e hoje na Asa Sul

"QUANDO CHEGUEI AQUI, EU CHORAVA"

Instituto de Educação, Tijuca, Rio de Janeiro, 1961. Início da Bossa Nova. Copacabana ainda era a *Princesinha do Mar*. Artistas, escritores e jornalistas tomam o partido da cultura do oprimido.

Jovens estudantes politizados recitam o poema *Operário em Construção*, de Vinícius de Moraes. Theresamaria Lucciola

Campos festeja a formatura do terceiro ano normal em meio a essa farra libertária. Passados 36 anos, as fotos guar-

dadas por Theresamaria dentro de sacos plásticos continuam intactas e sem qualquer vestígio da ação do tempo.

Nelas, a turma de formatura está toda reunida. Numa foto em especial, ela está no meio, cercada por duas amigas. À esquerda, Glória. À direita, Lígia.

Glória, a amiga estudiosa, morreu 15 dias depois da formatura. Lígia, a melhor amiga, se perdeu no tempo. Onde estará?

UNIFORME

Theresamaria casou e mudou-se para Planaltina, onde viveu por muitos anos até passar a morar no Plano Piloto.

Hoje, separada do marido, mora num belo apartamento de três quartos na Asa Sul, decorado com móveis antigos e clássicos. Tem dois filhos e não revela a idade nem por decreto.

"Quando cheguei aqui, a saudade

do Rio era enorme. Pegava as fotos e via minha turma de colégio. Chorava muito", lembra Theresamaria, professora de História aposentada da Fundação Educacional.

Ela conta que chegava a sonhar com a escola. "Sonhava que estava de uniforme do colégio. No dia seguinte, a primeira coisa que fazia era olhar as fotos", confidencia.

Theresamaria garante que nos primeiros anos passados em Planaltina os *companheiros inseparáveis*

eram as fotos que guarda até hoje. "Não que eu estivesse vivendo do passado, mas aquelas fotografias me davam muita força para suportar o presente. Ainda dão", conta.

Sobre o segredo de conservar as fotos há tantos anos intactas, Theresamaria afirma: "Não tem mistério, basta um plástico".

"O importante é ter amor por elas, sem perder a noção do tempo presente. Não vivo do passado, mas busco forças nele."



CRÔNICA

Entalado na Timbalada

Lourenço Cazarré

A mulher foi lacônica: — Serrado, Júnior já está esperando você. No início do engarrafamento.

Como todo cara chamado pelo sobrenome até pela esposa. O Serrado é um circunspeto. Mas no fim de semana comete dois pecadinhos.

No domingo, empanturrado de macarrão: — Comida pra mim tem é que fazer bola no bucho.

Nas noites de sábado, "— enche os cornos", como gosta de dizer.

Desse segundo prazer, ultimamente, tem que abrir mão. Com frequência irritante. O Júnior, como todo cretino de 15 anos, tem sempre um show para assistir. E, o que é pior, de música baiana.

Na noite do tal telefonema o show era da Timbalada. Serrado tirou o pijama, enfiou a barriga pra dentro numa camiseta regata. Engoliu o resto da segunda dose e tocou para a Academia de Tênis. Não tinha erro. Acharia a Júnior no começo de engarrafamento.

A uma em ponto pegou a rabeira dos carros atravancados já em fila dupla. Tranqüilo. Aquilo não podia durar mais que meia hora. Não existe engarrafamento em Brasília.

Levas de garotos e garotas caminhavam no sentido contrário dos carros. Embareavam, seus pais faziam meia volta e retornavam contornando o mata.

Serrado estava sereno mas pensava bastante nos três úsques que ainda lhe faltavam para encher as guampas.

Meia hora depois, mesmo com o carro arrastando-se cinquenta metros a cada dez minutos, ainda permanecia na dele. Apenas com mais sede.

Às 2 em ponto chegou ao

que imaginou ser o início do estrangulamento. Até ali havia visto uns 2 mil garotos passando pelos carros mais uns 5 mil postados dos dois lados do entalamento automobilístico. E nada do Júnior!

Venceu o gargalo mas não viu o filho. Percebeu que havia outro engarrafamento, à direita. Estacionou o carro e desceu. Gastou 15 minutos de pernada até a Academia de Tênis. Sempre passando por carros amontoados.

Centenas de garotos estavam espalhados pelo estacionamento, dançando. Duas horas de música baiana não haviam acabado com eles.

Lentamente, Serrado voltou ao carro, observando mais mil rostos. Rostos inexpressivos de quem teve o cérebro destruído por uma explosão sonora.

Pegou o celular e ligou pra casa. A mulher foi sintética mais uma vez:

— Juninho ligou. Está no trecho quatro.

— Trecho quatro do quê, diabo de mulher? Do SIA? Do Quinto dos Infernos? — irritou-se o Serrado.

Cara metódico, que toma uma dose (sem choro) a cada 60 minutos, ele calculou que estava na hora de começar sua quarta dose da noite.

Só havia uma saída. Ir em frente. Se não achasse o Júnior, teria que fazer uma volta imensa e retornar ao final do engarrafamento.

Foi exatamente o que aconteceu. Às duas e meia da manhã pegou de novo a rabeira da fila. Já na maior paranóia. Que fim teria levado o garoto?

Às três da manhã o encontrou, na traseira duma Saveiro, sem camisa:

— Af, veio, tava te procurando há maior data. Tchau, tô indo pra casa de carona.



A GENTE FAZ FESTA PARA UMA CIDADE QUE ESTÁ DE PARABÉNS O ANO INTEIRO.

O BCN comemora o aniversário da cidade com você.

BCN Banco de Crédito Nacional

NO ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA O PRESENTE É SEU



Aqui não tem tempo ruim



Seja dia, noite ou madrugada, nas compras de 80 a 400 reais efetuadas de 22 a 27 de abril de 1996

OFERTAS IMPERDÍVEIS

ARROZ D. XEPA Pct. 5k	R\$ 2,98	- estoque 30.000Kg.
ÓLEO SADIA Lt.	R\$ 0,68	- estoque 28.000Und.
CARNE DE 1ª Pç INTEIRA S/ LIMPAR	R\$ 2,88Kg.	- est. 20.000Kg. (coxa-duro, lagarto, patinho e contra-filé)
IOGURTE DANONE BANDEJA C/6	R\$ 1,68	- estoque limitado
MAIONESE GOURMET 500 Gr.	R\$ 1,78	- estoque limitado
BISCOITO BAUDUCCO RECHEADO 200 Gr.	R\$ 0,88	- estoque limitado

Ofertas válidas enquanto durarem os estoques.

NÃO VENDEMOS POR ATACADO



SHCES 1101 - BL. J - LOJA 08 CRUZEIRO NOVO BRASÍLIA - DF

☎ 361-3131 ☎